

OFÉLIA

Rosália Miltzajn

De repente, Adelaide estava diante do computador, procurando as últimas palavras que faltavam para completar o discurso de despedida que faria diante de seus alunos na universidade. Ela viajaria para o exterior e tentaria uma nova vida agora com seu companheiro que finalmente encontrara. Deixaria seu trabalho e sua família, e inventaria, quem sabe, uma nova profissão.

Curiosamente, ao invés de algumas palavras para finalizar sua despedida, ouviu uma voz suave e, ao mesmo tempo, triste que vinha de algum lugar indescritível e abstrato.

No primeiro momento, assustou-se, mas devido à insistência da delicada voz, parou para ouvi-la:

– Poderei me entregar a você, meu príncipe. O perigo do desejo, não temo mais. Um dia sim, outro não, dizias que me amavas. Eu, pecadora, dormirei uma eternidade, terei sonhos para sempre em teus braços e, mesmo arrependida, poderei sonhar contigo neste leito de morte, onde serei rainha – castigo antecipado –, só para sonhar com meu amor... Nada mais importa... Morrer, sonhar, morrer, a mesma coisa! Onde está papai? Por que não vem me salvar? Po lô ni o, Po lô ni o! Estarás também no silêncio? Todos me enganam... Por que emudeceram? Atrás dessas cortinas, ouço vozes que me aconselham. Olho os céus e o azul me cega, já não suporta tanta indagação! Me pune com essa distância, glamour celeste como você, Laertes, que partiu, meu irmão, me deixou com zumbis, zumbidos – fantasmas sem sangue! És também sombra! Violetas murchas que não desabrocham! Medo, medo, medo do tresloucado desejo! Talvez as águas tenham em suas vagas alguma resposta. Apuro os ouvidos: vou me casar, meu pai... Ânias pecaminosas, já te ouço, papai... Ó Hamlet, “o anel que tu me deste era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou”...E, no templo da natureza, serei, não mais a tua donzela, meu príncipe, estais ouvindo, meu pai? Mas a melhor amante! Não

mais, não mais que isso! Tanto faz agora como não tanto fez antes. Adeus. Vou vestir minha grinalda, adeus, adeus.

Fez-se um silêncio e Adelaide entendeu que Ofélia a visitara. Era também um discurso de despedida. Bem diferente, é claro. Não se suicidaria como a pequena, magoada, rejeitada e triste Ofélia. Sabia agora que se comunicaria com a memória poética do mundo! Será que lá, no exterior, escreveria peças de teatro, poesia e romances?

Lembrou-se das pessoas que diziam que escrevia bem, mas que nunca tinha “dado bola”!